

PE 375 - ANÁLISE DAS INTOXICAÇÕES MEDICAMENTOSAS NA PEDIATRIA NO ANO DE 2023 NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Matheus Rubio Cavalheiro¹, Isabella Della Flora Bolzan¹, Gabriel Matias Coswig¹, Gabriel Blank Krause¹, Renan Pablo Bittencourt Lobato¹, Rany Jerônimo Rochadel¹, Nathalia Schick¹, Alice Moreira Rizzolli¹, Ana Luísa Leal Ramos¹, Marcos Vinicios Razera²

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPel), 2. UCPel/Hospital Universitário São Francisco de Paula.

A análise das intoxicações medicamentosas na pediatria é fundamental para a identificação precoce de riscos à saúde infantil, já que as crianças são mais vulneráveis aos efeitos adversos dos medicamentos. Compreender as causas e os tratamentos adequados é essencial para prevenir danos e melhorar os resultados clínicos. Descrever a quantidade de casos de intoxicação medicamentosa na pediatria registrados no Rio Grande do Sul no ano de 2023, priorizando a distribuição por faixas etárias e a classe medicamentosa com maior incidência. Análise descritiva observacional dos dados do Centro de Informação Toxicológica (CIT) do estado do Rio Grande do Sul, referente ao ano de 2023. Foram analisadas 21.456 exposições. Dentre todos os dados, observou-se um grande número de casos na faixa etária acima de 19 anos: 15.030 casos (70%). Também foi registrado um número significativo de casos na faixa etária de 6 a 19 anos: 4.353 casos (20%), enquanto a faixa etária com o menor número de casos foi a de até 6 anos: 1.974 casos (10%). É importante destacar que, entre as circunstâncias de exposição apresentadas, houve uma grande quantidade de casos classificados como intencionais: 17.337 (80%), não intencionais: 3.180 (14,8%) casos e outros: 939 (5,2%). Os medicamentos mais frequentes entre os casos registrados pertencem às classes dos benzodiazepínicos (19,2%), antidepressivos (19,8%), anticonvulsivantes (5,8%), antialérgicos e analgésicos/antipiréticos (10,34%). Os dados apresentados indicam um problema estrutural crescente, pois, com o avanço da idade, observa-se um aumento significativo nos casos de intoxicação medicamentosa. Uma das causas desse problema pode ser a perda de controle por parte dos responsáveis, que muitas vezes não supervisionam adequadamente as crianças, permitindo que elas tomem medicamentos sozinhas, sem saber se entendem o motivo de tomá-los ou a dose correta. Isso abre margem para intoxicações intencionais. Ademais, é notório o aumento do uso de antidepressivos à medida que se avança na idade, o que reflete outro problema crescente no Brasil: muitos jovens optam por recorrer a medicamentos em vez de enfrentar os problemas de forma mais eficaz, devido à busca por soluções rápidas. Portanto, não é apenas essencial realizar a coleta de dados sobre intoxicações medicamentosas na pediatria, mas também realizar estudos sobre os fatores que estão levando ao uso indiscriminado desses medicamentos pelas crianças, uma vez que isso revela outro problema estrutural.

PE 376 - ANÁLISE DOS ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS NA PEDIATRIA

Renan Pablo Bittencourt Lobato¹, Gabriel Blank Krause¹, Gabriel Matias Coswig¹, Isabella Della Flora Bolzan¹, Matheus Rúbio Cavalheiro¹, Rany Jerônimo Rochadel¹, Ana Luiza Cassol¹, Luiza Kruger Saalfeld¹, Mariana Luisa de Souza Kurtz¹, Marcos Vinicios Razera¹

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Acidentes por animais peçonhentos envolvendo crianças frequentemente resultam em danos físicos e até morte do paciente. Este panorama acaba por se tornar um problema de aspecto social e de saúde pública. Dentre os principais agentes causadores temos: abelha, aranha, lagarta, escorpiões e cobras. Dessa forma, urge a necessidade de entender, quantificar e relacionar os principais agentes causadores de tais acidentes, assim como as vítimas e suas implicações, a fim de minimizá-los e preveni-los. Analisar a incidência e o perfil das crianças vítimas dos acidentes com animais peçonhentos no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul, no ano de 2023. Estudo observacional descritivo de dados do Centro de Informação toxicológica- CIT, do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2023. Foram avaliados os dados do CIT de 2023 e verificou-se que dos 31567 casos registrados, 7334 foram atendimentos humanos gerados por acidentes com animais peçonhentos, e destes, 803 (10,94%) foram para crianças de 0 a 9 anos de idade, sendo que a faixa etária de 5 a 9 anos apresentou a maior incidência, com 472 (58,78%) dos casos entre 0 a 9 anos, seguida de 1 a 4 anos com 296 (36,86%) e 0 a 1 ano com 35 (4,36%). Quanto aos agentes causadores, foram identificados 3000 casos, sendo a aranha o agente mais frequente, com 2370 (79%) incidentes, acompanhado das cobras, com 597 (19,9%) e as lagartas, com 17 (0,56%) dos casos. Entretanto, no quesito letalidade, apenas 1 (0,01%) óbito foi relacionado a um acidente com animais peçonhentos. Dentre os principais registros do CIT, os acidentes com animais peçonhentos aparecem com bastante evidência, corroborando com o fato de que ainda se apresenta como um problema social e de saúde pública. Dentre os principais agentes, as aranhas se mostram como a principal fonte desses casos. Além disso, mesmo com uma pequena incidência de óbitos a partir desses acidentes, os casos com animais peçonhentos ainda é responsável por diversos atendimentos médicos e hospitalizações no estado do Rio Grande do Sul. Assim, identifica-se a necessidade de novos estudos sobre o assunto, a fim de que se consiga entender e prevenir novos acidentes.

PE 377 - INTERNAÇÕES POR LEPTOSPIROSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO RIO GRANDE DO SUL (2020-2024): IMPACTO DAS ENCHENTES NA INCIDÊNCIA DA DOENÇA

Eloize Feline Guarnieri¹, Anna Carolina Santos da Silveira¹, Andressa Pricila Portela¹, Laura Carolina Nardi Motta¹, Vittória Mascarello¹, Júlia Oriques Bersch¹, Ana Carolina da Costa Miranda¹, Flávia Vasconcellos Peixoto¹, Davi Azevedo da Costa¹, Cristiano do Amaral De Leon¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

A Leptospirose é uma zoonose de notificação compulsória, causada pela bactéria Leptospira, transmitida pelo contato com a urina de animais infectados. Com potencial epidêmico, é agravada por enchentes, que aumentam a exposição à água contaminada. As inundações no Rio Grande do Sul (RS) em 2024 intensificaram a transmissão, evidenciando a relação entre desastres naturais e a Leptospirose. Avaliar o perfil epidemiológico das internações por Leptospirose em crianças e adolescentes no RS nos anos de 2020 a 2024, com foco no aumento expressivo de casos em 2024. Estudo transversal descritivo baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde. Foram avaliadas internações de crianças e adolescentes (0 a 19 anos) por ano, município, faixa etária e sexo. De 2020 a 2024, registraram-se 108 internações por Leptospirose no RS: 16 em 2020, 14 em 2021, 19 em 2022, 20 em 2023 e 39 em 2024. O aumento expressivo das hospitalizações em 2024 está associado às enchentes, que favoreceram a disseminação da bactéria Leptospira pela água contaminada. Os municípios com maior número de internações foram Porto Alegre (5 casos), São Leopoldo (3 casos) e Farroupilha, Igrejinha, Santa Maria e Vale do Sol (2 casos cada), seguidos de diversas cidades com um caso cada, refletindo padrões epidemiológicos já observados em áreas com alta densidade populacional e maior exposição a enchentes. A faixa etária mais acometida foi de 15 a 19 anos (51 internações), seguida de 10 a 14 anos (34 casos), 5 a 9 anos (19 casos) e 1 a 4 anos (4 casos), sem registros em menores de um ano. A maior incidência em adolescentes pode estar relacionada à maior exposição ambiental e atividades de risco. Em relação ao sexo, houve maior incidência entre indivíduos do sexo masculino (84 casos) em comparação ao sexo feminino (24 casos), padrão já observado em estudos anteriores, possivelmente devido a diferenças comportamentais e ocupacionais. O estudo evidencia o impacto das enchentes de 2024 no aumento das internações por leptospirose em crianças e adolescentes no RS, reforçando a relação entre desastres naturais e a disseminação da doença. O crescimento expressivo dos casos ressalta a necessidade de medidas preventivas e estratégias de resposta rápida para reduzir a exposição da população ao risco de infecção e minimizar a sobrecarga no sistema de saúde.

PE 378 - PERFIL DOS ATENDIMENTOS TOXICOLÓGICOS A PACIENTES DE ATÉ 19 ANOS EM UM CENTRO DE INFORMAÇÕES TOXICOLÓGICAS EM 2023

Gabriel Matias Coswig¹, Isabella Della Flora Bolzan¹, Gabriel Blank Krause¹, Matheus Rubio Cavalheiro¹, Rany Jerônimo Rochadel¹, Renan Pablo Lobato Bittencourt¹, Milene Maria Saalfeld¹, Luiza Kruger Saalfeld¹, Mariana Luisa de Souza Kurtz¹, Marcos Vinicios Razera²

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPel), 2. UCPel/Hospital Universitário São Francisco de Paula.

Intoxicação é uma importante causa de doenças e óbitos em pacientes na faixa etária pediátrica. Nesse contexto, por se tratar de situação evitável, é fundamental analisar o perfil epidemiológico dos atendimentos relacionados a acidentes com agentes tóxicos, de forma a subsidiar a elaboração de políticas de prevenção e manejo de ocorrências toxicológicas. Avaliar o perfil dos atendimentos toxicológicos a pacientes de 0 a 19 anos pelo Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul (CITRS) em 2023. Estudo observacional descritivo e quantitativo de dados de atendimentos do Plantão de Atendimento de Urgência e Emergência a pessoas de até 19 anos colhidos no período de 1 de Janeiro de 2023 a 31 de Dezembro de 2023 e publicados no site do CITRS. Foram realizados 10.077 atendimentos a pacientes de até 19 anos pelo CITRS no ano de 2023, com destaque para as faixas etárias de 1 a 4 anos (3.854) e 15 a 19 anos (2.423). Os principais agentes tóxicos foram: medicamentos (3.829), causa não determinada (1.920), animais peçonhentos (1.497), saneantes domissanitários (669), animais não peçonhentos (493) e produtos químicos industriais (333). Dentre os medicamentos, destaca-se: anti-depressivos, analgésicos/antipiréticos, benzodiazepínicos e neurolepticos. Quanto à segunda maior causa especificada, aranhas, lagartas e escorpiões são os animais peçonhentos com a maior prevalência de registros de acidentes toxicológicos. Além disso, os principais saneantes domissanitários responsáveis por intoxicações são alvejantes/liberadores de cloro e detergentes/congêneres. Verificou-se que a maior parte dos atendimentos toxicológicos realizados à população em faixa etária pediátrica pelo CITRS em 2023 envolve pacientes com idades entre 1 e 4 anos e 15 e 19 anos e está relacionada com situações evitáveis, principalmente pelo contato com produtos que fazem parte do cotidiano das pessoas. O uso indevido ou incorreto de medicamentos é o principal causador de intoxicações nesses pacientes e evidencia o cuidado que se deve ter com a qualidade das prescrições médicas, bem como com os modos de armazenamento ao alcance dos menores. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de implementar políticas públicas de qualidade direcionadas a familiares, responsáveis e profissionais da área da saúde, de modo a reduzir a exposição indevida destes pacientes a tais agentes tóxicos.

PE 379 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTOXICAÇÕES PEDIÁTRICAS POR DROGAS DE ABUSO EM UM CENTRO DE INFORMAÇÕES TOXICOLÓGICAS NO ANO DE 2023

Maria Eduarda Minervino Elias¹, Letícia Porto de Melo Franco¹, Laura Zamboni Vilanova¹, Marcos Vinicios Razera¹, Kellen Crizel da Rocha¹

1. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

As intoxicações exógenas representam importante causa de morbidade em crianças e adolescentes. O contato com drogas de abuso tem se tornado mais comum, seja por exposição indireta ou uso ativo. Compreender esse contexto é essencial para prevenção e manejo adequado. Este estudo analisa esse perfil toxicológico e reforça a urgência de ações preventivas. Analisar os casos de intoxicação exógena por drogas de abuso em crianças e adolescentes de 0 a 19 anos atendidos por um centro de informações toxicológicas gaúcho em 2023. Estudo descritivo com dados secundários do Relatório Anual de 2023 do Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul (CIT-RS), complementados por informações do IBGE, do Relatório Mundial sobre Drogas (UNODC), e do Sumário de Uso de Drogas no Brasil de 2021. A análise incluiu frequências absolutas e relativas dos casos de intoxicação por drogas de abuso em indivíduos de 0 a 19 anos. Foram registrados 128 casos de intoxicação por drogas de abuso em 2023. O álcool foi o agente mais frequente ($n = 40$), seguido por cocaína ($n = 34$), maconha ($n = 32$), nicotina ($n = 11$), éter etílico ($n = 4$), clorofórmio ($n = 4$), ecstasy/MDMA ($n = 2$) e K9 ($n = 1$). A faixa etária mais acometida foi a de 6 a 19 anos (64,8%). Crianças menores de 6 anos não apresentaram intoxicação por clorofórmio, éter, ecstasy ou K9, mas foram exclusivamente afetadas por nicotina. Essa mesma faixa etária apresentou 1,13 vezes mais casos por maconha do que os de 6 a 19 anos. Dados nacionais reforçam o padrão observado: em 2021, entre adolescentes de 13 a 17 anos, 60,5% relataram uso de álcool, 16,9% tabaco, 8,7% solventes, 5,7% maconha e 2,5% cocaína. Entre crianças de 10 a 12 anos, um terço já havia consumido álcool. O Rio Grande do Sul liderava o consumo de bebidas alcoólicas em 2014 e, em 2019, a Região Sul apresentava os maiores índices de tabagismo, com Porto Alegre figurando entre os destaques (15 a 17%). Globalmente, a cannabis permanece como a substância ilícita mais usada, com cerca de 228 milhões de usuários. O álcool foi o principal agente de intoxicação por drogas de abuso na população pediátrica em 2023, com maior ocorrência entre escolares e adolescentes. Os dados coincidem com relatórios do IBGE e da UNODC, que indicam alta prevalência da experimentação de álcool e outras drogas nessa faixa etária. Reforça-se a importância de medidas educativas, preventivas e da capacitação dos profissionais de saúde para abordagem, suporte e tratamento dessas intoxicações.

PE 380 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTOXICAÇÕES POR PARAQUAT EM CRIANÇAS NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE RETROSPECTIVA DE 2014 A 2023

Letícia Sarah de Azevedo¹, Laura Zaffari Leal¹, Bruna Gomes Blaya¹, Bruna Guimarães Dimer¹, Georgia Barros Pontello¹, Ingrid Lizier Couto Pereira¹, Mateus Sfoggia Giongo¹, Viviane Cristina Sebben²

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Centro de Informação Toxicológica do Rio Grande do Sul (CIT/RS).

Introdução: O Paraquat é um herbicida altamente tóxico, com efeitos sistêmicos graves, particularmente preocupante em crianças devido à alta letalidade relacionada a danos celulares intensos associada a dificuldade de tratamento por não existir um antídoto específico. **Objetivo:** Caracterizar o perfil epidemiológico de crianças intoxicadas por Paraquat, com foco em melhor compreensão dos riscos e estratégias de prevenção pediátrica. **Método:** Estudo retrospectivo de casos de exposição ao Paraquat registrados entre 2014 e 2023 em um sistema de teleatendimento 24h. Foram coletadas informações sobre idade, circunstância, via de exposição e Coordenadoria Regional de Saúde (CRS), organizadas em Excel. **Resultados:** Foram identificados 21 casos de intoxicação pediátrica por Paraquat no período analisado. A incidência foi maior entre 1 a 4 anos (33,3%) e 15 a 19 anos (33,3%), seguidas por 5 a 9 anos (19%) e 10 a 14 anos (14,3%). A análise geográfica revelou maior concentração de casos na 6^a (23,8%) e 4^a (19%) CRS. A principal circunstância da exposição foi acidente individual (57,1%). Também ocorreram acidentes coletivos (19%), tentativas de suicídio (9,5%), acidentes ocupacionais (9,5%) e uso indevido (4,8%). A ingestão oral foi a via mais comum (42,9%), seguida por exposição cutânea (19%), respiratória (14,3%), múltiplas vias (14,3%) e ocular (9,5%). Os acidentes toxicológicos com Paraquat ocorreram com maior incidência nas faixas etárias de 1 a 4 anos e 15 a 19 anos, e em regiões abrangidas pela 6^a e 4^a CRS, com forte presença da agricultura familiar. **Discussão:** Crianças pequenas, pelo peso corporal e curiosidade, são mais vulneráveis à ingestão accidental. A exposição ocorreu tanto em contextos ocupacionais quanto paraocupacionais, devido ao contato com roupas contaminadas e armazenamento inadequado. Esses fatores tornam os filhos de trabalhadores rurais mais suscetíveis à intoxicação em comparação com os da população geral. A ingestão oral predominou, o que reforça a gravidade da intoxicação e a necessidade de medidas preventivas, como regulamentação sobre armazenamento seguro e programas educativos para as comunidades rurais sobre o produto. **Conclusão:** A alta incidência de intoxicação em crianças reflete um desafio social, agravado pelo armazenamento inadequado de agrotóxicos em áreas rurais, bem como seu impacto na saúde pública é significativo devido à alta letalidade. Além disso, embora proibido no Brasil, o uso irregular persiste, exigindo maior fiscalização e conscientização sobre os riscos do herbicida.

PE 381 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ATENDIMENTOS EM CRIANÇAS NO CENTRO DE INFORMAÇÕES TOXICOLÓGICAS DO RIO GRANDE DO SUL EM 2023

Letícia Porto de Melo Franco¹, Maria Eduarda Minervino Elias¹, Marcos Vinicios Razera¹, Laura Zamboni Vilanova¹

1. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

A intoxicação exógena é frequente na infância, especialmente entre 1 e 4 anos (60,8%), com predomínio do sexo masculino (53,9%) e exposição domiciliar (83,5%). Em 2023, o Brasil registrou 226-288 casos, com 9,3% em crianças de 1 a 9 anos e 32 óbitos. Medicamentos foram os principais agentes, seguidos por saneantes e raticidas. Analisar o perfil epidemiológico das intoxicações em crianças de até 9 anos atendidas pelo Centro de Informações Toxicológicas do Rio Grande do Sul (CIT/RS) em 2023, com foco na faixa etária de 1 a 4 anos, identificando principais agentes causadores, locais de exposição e implicações para saúde pública. Estudo descriptivo, quantitativo, baseado em dados secundários do Relatório Anual de Atendimentos do CIT/RS, em 2023. As variáveis analisadas incluíram faixa etária, sexo, agente tóxico, local da exposição e circunstância do evento. Foi utilizada estatística descritiva simples. A pesquisa não exigiu aprovação ética, por tratar-se de dados de domínio público. Entre crianças de 0 a 9 anos, predominou a faixa etária de 1 a 4 anos (60,8%). Houve prevalência do sexo masculino (53,9%). Medicamentos foram os principais agentes (30,3%), com destaque para analgésicos (paracetamol), anti-histamínicos e anti-inflamatórios (ibuprofeno). Raticidas (4,1%) e benzodiazepínicos (3,2%) também foram relevantes. Saneantes e produtos industriais representaram 12% dos casos, especialmente hipoclorito de sódio. Essa faixa etária foi responsável por 12,2% de todos os atendimentos do CIT/RS. A maioria das exposições ocorreu em ambiente domiciliar (83,5%), seguido por ambientes externos (6,8%) e instituições educacionais (0,7%). O Núcleo de Atendimento e Análises Laboratoriais (NAL) concentrou 18,2% dos casos em crianças de 0 a 5 anos. Os achados evidenciam a elevada vulnerabilidade da população pediátrica, particularmente na primeira infância, às intoxicações exógenas – em sua maioria, incidentes evitáveis. Esses dados reforçam a urgência na formulação e implementação de políticas públicas voltadas à prevenção dessas ocorrências, com especial atenção ao ambiente doméstico, onde se concentra a maior parte das exposições (83,5%).